

Algumas palavras

Bruno de Menezes

(A respeito da novela *Maria Dagmar*)

Talvez não haja inconveniente em esclarecer que esta novela foi escrita para a revista “Belém Nova”, onde teve publicidade, nas edições dos números 9, 10 e 11, de janeiro a março de 1924.

Aquele tempo, a nossa chamada “nova geração”, organizou o seu reduto de idéias, literariamente avançadas, nesse quinzenário, no qual, apesar das influências e do entusiasmo pela Arte Nova, da maioria de seus fundadores, colaboravam homens de letras de todos os credos estéticos.

O nosso grupo, penso, não perfeitamente integrado no espírito dessa “novidade”, à procura de um rumo, voltou o seu gosto pela freqüente leitura de estilistas fortes, rebuscados, achando um sabor inédito em Fialho, Eça, Gonzaga Duque, Raul Pompéia, Euclides da Cunha, Carlos Vasconcelos, Vargas Vila, Severo Portela, Raul de Polillo, Cruz e Sousa, Paulo Barreto, Adelino Magalhães, enfim, uma ânsia preferencial pelos escritores de frases cheias, sonoras, beirando o gongorismo repudiado.

De par com essa seleção vocabular, tínhamos exceções pelos temas um tanto revolucionários, cerebralistas, com ficções ou realismos extra-românticos, consistindo nesse “intelectualismo” o nosso contingente às convocações de Graça Aranha e seus pro-sélitos.

Eram militantes neste clã; Abguar Bastos, Nuno Vieira, Paulo de Oliveira, Clóvis de Gusmão, De Campos Ribeiro, Jacques Flores, que sob o influxo da “flama renovadora”, deram de urdir as suas crônicas, os seus contos, as suas novelas, cada qual a seu modo, com personagens em água-forte, numa linguagem campanuda, num jogo pictorial de paisagens humanas, objetivando a estrutura de uma poesia, de uma prosa livre, como se tornara atualidade e as edições de “Belém Nova” poderão atestar.

Foi então que mestre Fialho dominou o meu “psiquismo” literário, a minha bronca sensibilidade, com a sinfonia orquestral de seu estilo, com a pompa verbal de sua adjetivação pessoalíssima.

A história de sua “Ruiva” causou-me perigosas

insônias, num desabrido afã de lhe assimilar a maneira sutil de escrever, com independência e elegância, sobre casos triviais, sobre tipos excêntricos, sobre campônios e ceifeiras, olhando o campo e o trabalho rural com olhos de paisagista romancista.

Desse impressionismo no meu subconsciente, procurando entender os seres que ele criou para a alegria, ou para a tristeza e a dor, é que se concretizou “Maria Dagmar”, divulgada há vinte e seis anos pretéritos, ressumbrando a “água de juventude” fialhesca, que eu bebia nas páginas do amado esteta suicida.

Nesses idos, plumitivos que são hoje proletários da pena, como Georgenor Franco, Dalcídio Jurandir, Santana Marques, andavam pelos cursos secundários e, jovens que eram, apreciaram com efusão “Maria Dagmar” e não só estes, como também Alfredo Rodrigues de Souza, Edgar Franco, companheiros de jornada na fundação e lançamento de “Belém Nova”.

Eis porque, constantemente advertido, para reeditar esta novela em livro, revendo e recompondo os seus períodos, que fantasiosamente escrevi, no arroubo da mocidade entusiasta, quer me parecer haver criado a “existência” dessa mulher dentro da Arte, que é possível alguém a reconheça, se estes capítulos lhe caírem sob os olhos.

E como, no joeirado e no ampliamiento que fiz nesse antigo trabalho, procurei conservar a essência de sua idealização primitiva, desbastando-lhe um tanto do “preciosismo”, que eu admirava e contornando os flagrantes de certas situações, que hoje o domínio da autocritica me aconselhou a fazer, “Maria Dagmar” aqui está, para o julgamento do público letrado.

Portanto, aos meus amigos, literatos ou não, entre os primeiros Georgenor Franco, sempre tão prodígio em simpatia por essa Dagmar que ele conheceu, na infância, prontificando-se a lhe dedicar a sua apreciação valiosa, apresento-lhes novamente essa “criatura de símbolo”, agora um pouco mais experiente, envolta num ar outoniço, que a torna a “heroína” de uma geração que vai ainda sobrevivendo.